



MARGUERITE: (Lendo uma carta que tira do seio.) "Minha senhora. O duelo entre Armand e o barão aconteceu há dois dias. O barão foi ferido, porém melhora. Armand fugiu para terra estrangeira. Cumpristes vossa promessa além do que permitiam vossas forças, e isso tudo abalou vossa saúde. Escrevi a Armand contando-lhe toda a verdade. Ele há de voltar para pedir-vos perdão. Eu também quero reparar o dano que vos causei. Cuidai de vossa saúde, minha filha, e esperai confiante. Vossa coragem e abnegação vos tornam digna de um futuro melhor. Ainda haveis de ser feliz. Georges Duval."

(Trágica) É tarde! Há dois meses que recebi esta carta, e Armand não dá o menor sinal. Se ao menos me escrevesse! Ah, se eu conseguisse resistir até a primavera! (Cambaleia até o espelho.) Ah, como estou mudada! No entanto, o doutor me prometeu que vai me curar. Se Armand chegasse, eu tenho a certeza que recuperaria a saúde no mesmo instante. (Vai até a janela. Ouvem-se foliões cantando.) É carnaval. Quanta alegria pelas ruas. Olha aquele menino de cachos dourados, rindo e tropeçando ao peso dos guisos e serpentinas. Ah, como gostaria de beijá-lo!

NANINE: (Off) Senhora...

MARGUERITE: Sim, minha fiel Nanine?

NANINE: Está se sentindo melhor hoje?

MAR. Estou, Nanine. Por quê?

NAN. Então prometa que vai ficar calma.

MAR. Mas o que foi, Nanine?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MAR: É que quando a gente não espera, até uma alegria pode ser um choque perigoso.

MAR. Você disse uma alegria, Nanino? Armand! Você viu Armand? Armand veio me ver? Armand! (Ele aparece, muito pálido. Ele se atira ao seu pescoço.) Armand, é você! É você Armand! Não é possível que Deus seja tão bom, tão misericordioso!

ARMAND: Sim, sou eu, Marguerite. O teu Armand, culpado e arrependido, Marguerite, não me amaldiçoe. Meu pai me escreveu contando tudo. Eu estava bem longe, sem saber para onde ir, fugindo do meu amor e do meu remorso... Partii como um louco, viajando noite e dia, sem tréguas, sem sono, sem repouso, perseguido por pressentimentos sinistros... Diga que me perdoa, Marguerite. Como é bom te ver de novo!

MAR. Perdoar-te, querido? Fui eu a culpada. Mas não podia ter feito outra coisa. Queria a sua felicidade, mesmo à custa da minha... Agora nunca mais nos separaremos, não é verdade, querido Armand? Você deve estar me achando tão feia, tão desfigurada, tão esquelética, amorfética e escalafobética... Mas ainda sou moça e voltarei a ser bonita para você. A felicidade de te reencontrar há de me devolver a beleza.

ARM. Nunca mais hei de te deixar, querida Marguerite... Nós vamos embora deste populoso deserto que chamam de Paris... Para uma casinha nas montanhas, em Gramado...

MAR. Ou em Ana Rech...

ARM. Sim, Ana Rech... Uma casinha pequenina, Marguerite, com um jardimzinho, um pomarzinho, um cachorrinho,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- um passarinho...
- MAR. Fale... fale... Suas palavras me fazem revivificar, seu amor me devolve as forças... Diga que me ama ainda uma vez.
- ARM. Eu te amo, querida. E hei de te amar a vida inteira.
- MAR. (Num surto.) Nanine, me ajuda. Eu quero me apressar para sair. Quero ir à igreja, atirar-me aos pés de Santa Clara para agradecer... (Tem uma vertigem.)
- ARM. O que é isso, Marguerite? Você está tão pálida!
- MAR. Não é nada, amor. É a felicidade que me sufoca. Às vezes a alegria dói tanto quanto a dor... (Nova vertigem.)
- ARM. Meu Deus! Por favor, Marguerite, fale! Diga alguma coisa!
- MAR. Não se assuste, querido. Sempre fui sujeita a essas vertigens. Passam depressa. Olhe, estou sorrindo. Já passou. É a alegria que me embriaga.
- ARM. Você está tremendo!
- MAR. Não é nada, não. Dê-me um xale, Nanine, um chapéu... (Veste um xale e um chapéu febrilmente.)
- ARM. (Assustado) Meu Deus, meu Deus!
- MAR. (Caindo sobre o canapô.) Oh, não posso!
- ARM. Corra chamar o doutor, Nanine!
- MAR. Isso, depressa! Diga-lhe que Armand voltou e que eu quero viver, que eu preciso viver... (Doses perada) Se o seu retorno não me salvou, Armand, o que me salvará então? Oh, Deus, Deus de minh'alma!



- ARM. Marguerite!
- MAR. (Recompondo-se instantaneamente.) Pronto, pronto. Já estou mais calma, mais conformada. Mais cedo ou mais tarde, aquilo que foi a nossa vida acaba nos matando. Eu vivi de amor... estou morrendo de amor...
- ARM. Não fale assim, Marguerite. Você vai viver, eu te prometo!
- MAR. Não, não. Sento-me aqui na otomana ao meu lado, querido, e ouça o que eu vou lhe dizer. Ainda há pouco eu tive um momento de revolta contra a morte. Fato arrepentida. Ela é necessária. É generosa, pois esperou a sua chegada para me levar.
- ARM. Não fale mais assim, Margarida, que eu acabo enlouquecendo...
- MAR. É a vontade de Deus, meu amado. Eu não fui uma moça direita... Eu pequei... e estou sendo punida por isso. Mas se eu morrer, a imagem que você guardar de mim será pura. Se eu viver, sempre haverá manchas em nosso amor... Creia, tudo o que Deus faz é bem feito.
- ARM. (Desesperado) Ah, ó demais!
- MAR. O que é isso? Sou eu que tenho que te dar coragem? Escute, ali, sobre meu bichichot, há um medalhão... É o meu retrato, no tempo em que eu era bela... Mandei fazer para você... é seu, para que você me recorde. Se algum dia uma jovem bonita se apaixonar por você, se você casar com ela, como deve ser... como eu quero que seja... e se ela encontrar esse retrato, diga que é de uma velha amiga que morreu... Mas se ela tiver ciúmos do passado, como nós, mulheres, costumamos ter, se te pedir o sacrifício desta lembrança, faça-o sem medo e

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



sem remorso. Será muito justo e, desde já, eu te perdoo. A mulher apaixonada sofre demais não se sentindo querida... Está ouvindo, Armand, compreendeu bem?

ARM. Ah, como sou infeliz!

MAR. Infeliz, Armand? Por quê? Dê-me sua mão... olhe para mim... Aqui assim, pertinho de você, eu sou a mulher mais feliz do mundo. E juro que, quando a gente é feliz, não é difícil morrer... (Soerguendo-se.) Ah, é estranho!

ARM. O que foi, Marguerite?

MAR. Cessaram os espasmos da dor... Parece que a vida está voltando... Um bem estar, como eu nunca senti... Eu vou viver! Ah, que alegria, que alegria!
(Morre)

ARM. (Inquieto e depois, aterrado.) Marguerite! Marguerite! (Dá um grito e é obrigado a fazer um esforço para retirar a sua mão da de Marguerite.) Ah!
(Recua horrorizado.) Mortal! Meu Deus, meu Deus!
O que vai ser de mim! (Soluça.)

A VOZ DE DEUS: DURMA EM PAZ, MARGUERITE. MUITO LHE SERÁ PERDOADO PELO MUITO QUE AMOU!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Alexandre Dumas Fils



MARGUERITE: (Lendo uma carta que tira do seio.) "Minha senhora. O duelo entre Armand e o barão aconteceu há dois dias. O barão foi ferido, porém melhora. Armand fugiu para terra estrangeira. Cumpristes vossa promessa além do que permitiam vossas forças, e isso tudo abalou vossa saúde. Escrevi a Armand contando-lhe toda a verdade. Ele há de voltar para pedir-vos perdão. Eu também quero reparar o dano que vos causei. Cuidai de vossa saúde, minha filha, e esperai confiante. Vossa coragem e abnegação vos tornam digna de um futuro melhor. Ainda haveis de ser feliz. Georges Duval."

(Trágica) É tarde! Há dois meses que recebi esta carta, e Armand não dá o menor sinal. Se ao menos me escrevesse! Ah, se eu conseguisse resistir até a primavera! (Cambaleia até o espelho.) Ah, como estou mudada! No entanto, o doutor me prometeu que vai me curar. Se Armand chegasse, eu tenho a certeza que recuperaria a saúde no mesmo instante. (Vai até a janela. Ouvem-se foliões cantando.) É carnaval. Quanta alegria pelas ruas. Olha aquele menino de cachos dourados, rindo e tropeçando ao peso dos guisos e serpentinas. Ah, como gostaria de beijá-lo!

NANINE: (Off) Senhora...

MARGUERITE: Sim, minha fiel Nanine?

NANINE: Está se sentindo melhor hoje?

MAR. Estou, Nanine. Por quê?

NAN. Então prometa que vai ficar calma.

MAR. Mas o que foi, Nanine?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- NAN: É que quando a gente não espera, até uma alegria pode ser um choque perigoso.
- MAR. Você disse uma alegria, Nanine? Armand! Você viu Armand? Armand veio me ver? Armand! (Ele aparece, muito pálido. Ele se atira ao seu pescoço.) Armand, é você! É você Armand! Não é possível que Deus seja tão bom, tão misericordioso!
- ARMAND: Sim, sou eu, Marguerite. O teu Armand, culpado e arrependido. Marguerite, não me amaldiçoe. Meu pai me escreveu contando tudo. Eu estava bem longe, sem saber para onde ir, fugindo do meu amor e do meu remorso... Partii como um louco, viajando noite e dia, sem trégua, sem sono, sem repouso, perseguido por pressentimentos sinistros... Diga que me perdoa, Marguerite. Como é bom te ver de novo!
- MAR. Perdoar-te, querido? Fui eu a culpada. Mas não podia ter feito outra coisa. Queria a sua felicidade, mesmo à custa da minha... Agora nunca mais nos separaremos, não é verdade, querido Armand? Você deve estar me achando tão feia, tão desfigurada, tão esquelética, amorfética e escalafobética... Mas ainda sou moça e voltarei a ser bonita para você. A felicidade de te reencontrar há de me devolver a beleza.
- ARM. Nunca mais hei de te deixar, querida Marguerite... Nós vamos embora deste populoso deserto que chamam de Paris... Para uma casinha nas montanhas, em Gramado...
- MAR. Ou em Ana Rech...
- ARM. Sim, Ana Rech... Uma casinha pequenina, Marguerite, com um jardimzinho, um pomarzinho, um cachorrinho,



um passarinho...

MAR. Fale... fale... Suas palavras me fazem revivificar, seu amor me devolve as forças... Diga que me ama ainda uma vez.

ARM. Eu te amo, querida. E hei de te amar a vida inteira.

MAR. (Num surto.) Nanine, me ajuda. Eu quero me apressar para sair. Quero ir à igreja, atirar-me aos pés de Santa Clara para agradecer... (Tem uma vertigem.)

ARM. O que é isso, Marguerite? Você está tão pálida!

MAR. Não é nada, amor. É a felicidade que me sufoca. Às vezes a alegria dói tanto quanto a dor... (Nova vertigem.)

ARM. Meu Deus! Por favor, Marguerite, fale! Diga alguma coisa!

MAR. Não se assuste, querido. Sempre fui sujeita a essas vertigens. Passam depressa. Olhe, estou sorrindo. Já passou. É a alegria que me embriaga.

ARM. Você está tremendo!

MAR. Não é nada, não. Dê-me um xale, Nanine, um chapéu... (Veste um xale e um chapéu febrilmente.)

ARM. (Assustado) Meu Deus, meu Deus!

MAR. (Caindo sobre o canapé.) Oh, não posso!

ARM. Corra chamar o doutor, Nanine!

MAR. Isso, depressa! Diga-lhe que Armand voltou e que eu quero viver, que eu preciso viver... (Desesperada) Se o seu retorno não me salvou, Armand, o que me salvará então? Oh, Deus, Deus de minh'alma!



ARM. Marguerite!

MAR. (Recompondo-se instantaneamente.) Pronto, pronto. Já estou mais calma, mais conformada. Mais cedo ou mais tarde, aquilo que foi a nossa vida acaba nos matando. Eu vivi de amor... estou morrendo de amor...

ARM. Não fale assim, Marguerite. Você vai viver, eu te prometo!

MAR. Não, não. Sento-se aqui na otomana ao meu lado, querido, e ouça o que eu vou lhe dizer. Ainda há pouco eu tive um momento de revolta contra a morte. Estou arrependida. Ela é necessária. É generosa, pois esperou a sua chegada para me levar.

ARM. Não fale mais assim, Margarida, que eu acabo enlouquecendo...

MAR. É a vontade de Deus, meu amado. Eu não fui uma moça direita... Eu pequei... e estou sendo punida por isso. Mas se eu morrer, a imagem que você guardar de mim será pura. Se eu viver, sempre haverá manchas em nosso amor... Creia, tudo o que Deus faz é bem feito.

ARM. (Desesperado) Ah, é demais!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MAR. O que é isso? Sou eu que tenho que te dar coragem? Escute, ali, sobre meu bichichot, há um medalhão... É o meu retrato, no tempo em que eu era bela... Mandei fazer para você... é seu, para que você me recorde. Se algum dia uma jovem bonita se apaixonar por você, se você casar com ela, como deve ser... como eu quero que seja... e se ela encontrar esse retrato, diga que é de uma velha amiga que morreu... Mas se ela tiver ciúmes do passado, como nós, mulheres, costumamos ter, se te pedir o sacrifício desta lembrança, faça-o sem medo e



sem remorso. Será muito justo e, desde já, eu te perdoo. A mulher apaixonada sofre demais não se sentindo querida... Está ouvindo, Armand, compreendeu bem?

ARM. Ah, como sou infeliz!

MAR. Infeliz, Armand? Por quê? Dê-me sua mão... olhe para mim... Aqui assim, pertinho de você, eu sou a mulher mais feliz do mundo. E juro que, quando a gente é feliz, não é difícil morrer... (Soerguendo-se.) Ah, é estranho!

ARM. O que foi, Marguerite?

MAR. Cessaram os espasmos da dor... Parece que a vida está voltando... Um bem estar, como eu nunca senti... Eu vou viver! Ah, que alegria, que alegria!
(Morre)

ARM. (Inquieto e depois, aterrado.) Marguerite! Marguerite! (Dá um grito e é obrigado a fazer um esforço para retirar a sua mão da de Marguerite.) Ah!
(Recua horrorizado.) Morta! Meu Deus, meu Deus!
O que vai ser de mim! (Soluça.)

A VOZ DE DEUS: DURMA EM PAZ, MARGUERITE. MUITO LHE SERÁ PERDOADO PELO MUITO QUE AMOU!